



Série
Memórias do Espiritismo

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis; William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Baranulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

O Mundo Invisível e a Guerra

© 2014 – Conhecimento Editorial Ltda.

O Mundo Invisível e a Guerra

(*Le Monde Invisible et la Guerre*)

Léon Denis (1846-1927)

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradução: Maria Alice Farah Antonio

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-324-2 — 1ª Edição - 2014

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda

Fone: 19 3451-5440

e-mail: conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Denis, Leon, 1846-1927.

O Mundo Invisível e a Guerra / Leon Denis ;
[tradução Maria Alice Farah Antonio] — 1ª ed. —
Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2014. (Série
Memórias do Espiritismo)

Título original: *Le Monde Invisible et la Guerre*

ISBN 978-85-7618-324-2

1. Espiritismo 2. 3. I. Título II. Série.

14-

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo : 133.9

SÉRIE MEMÓRIAS DO ESPIRITISMO

Volume 1

Evolução Anímica

Gabriel Delanne

Volume 2

A Alma Imortal

Gabriel Delanne

Volume 3

**O Espiritismo, a Magia e
as Sete Linhas de Umbanda**

Antonio Eliezer Leal de Souza

Volume 4

**O Espiritismo
Perante a Ciência**

Gabriel Delanne

Volume 5

**Pesquisas sobre
a Mediunidade**

Gabriel Delanne

Volume 6

**As Forças Naturais
Desconhecidas**

Camille Flammarion

Volume 7

A Crise da Morte

Ernesto Bozzano

Volume 8

No Mundo dos Espíritos

Antonio Eliezer Leal de Souza

Volume 9

Urânia

Camille Flammarion

Volume 10

Tratado de Metapsíquica

Charles Richet

Volume 11

O Problema do Ser e do Destino

Leon Denis

Volume 12

O Mundo Invisível e a Guerra

Leon Denis

Léon Denis

O Mundo Invisível e a Guerra

Livraria das Ciências Psíquicas
42. Rue Saint-Jacques, 42
Paris — 1919

1ª edição
2014



SÉRIE MEMÓRIAS DO ESPIRITISMO

Volume 1	Evolução Anímica	Gabriel Delanne
Volume 2	A Alma Imortal	Gabriel Delanne
Volume 3	O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda	Antonio Eliezer Leal de Souza
Volume 4	O Espiritismo Perante a Ciência	Gabriel Delanne
Volume 5	Pesquisas sobre a Mediunidade	Gabriel Delanne
Volume 6	As Forças Naturais Desconhecidas	Camille Flammarion
Volume 7	A Crise da Morte	Ernesto Bozzano
Volume 8	No Mundo dos Espíritos	Antonio Eliezer Leal de Souza
Volume 9	Urânia	Camille Flammarion
Volume 10	Tratado de Metapsíquica	Charles Richet
Volume 11	O Problema do Ser e do Destino	Leon Denis
Volume 12	O Mundo Invisível e a Guerra	Leon Denis
Volume 13	O Gênio Celta e o Mundo Invisível	Leon Denis
Volume 14	Viagem Espírita em 1862	Allan Kardec

Sumário

Introdução.....	9
1. O espiritismo e a guerra.....	11
2. Cenas do espaço. Visões reais da guerra e da epopeia	15
3. As lições da guerra	20
4. O mês de Joana d’Arc.....	26
5. A justiça divina e a guerra atual	33
6. O despertar do gênio céltico.....	40
7. O dia de finados na trincheira.....	46
8. Ação dos Espíritos sobre os presentes acontecimentos	50
9. O espiritismo e as religiões.....	56
10. Responsabilidades	68
11. A hora do espiritismo	77
12. Autoridade e liberdade	84
13. Ressurreição	96
14. “Sursum Corda”	102
15. O futuro do espiritismo.....	105
16. O espiritismo e a ciência	109
17. O espiritismo e a renovação das vidas anteriores.....	116
18. O espiritismo e as Igrejas	124
19. O espiritismo e a filosofia contemporânea	134
20. Nascimento de um mundo novo.....	142
21. O reinado do Espírito	145

22. Hosana!.....	151
23. A experimentação espírita - Escrita mediúnica	159
24. A experimentação espírita - Típtologia.....	175
25. A experimentação espírita	183
26. A alma e os mundos: a vida infinita.....	191
27. A Grande Doutrina.....	197

Introdução

A partir de 1914, a França viveu muitas horas de cruel angústia e beirou muitos abismos. Após cinquenta meses de lutas, de esforços, de sacrifícios, ela saiu da provação engrandecida, aureolada pela vitória, regenerada pela dor. Certamente, ela deve essa vitória ao apoio dos seus aliados, ao heroísmo de seus soldados, à ciência e à engenhosidade de seus chefes; mas deve-a, sobretudo, às poderosas ajudas do mundo invisível, que jamais deixou de intervir em seu favor. É essa uma das facetas menos conhecidas desse imenso drama para a qual acreditamos ser necessário chamar a atenção de todos.

Graças a um excelente médium, cuja clarividência e sinceridade eram evidentes para mim, pude seguir, durante mais de três anos, a ação dos Espíritos sobre os acontecimentos e notar seus traços essenciais. Por meio da incorporação, meus amigos do espaço e, entre eles, um espírito eminente, me comunicavam de quando em quando suas apreciações sobre essa terrível guerra considerada em seus dois aspectos, o visível e o oculto. Essas comunicações me inspiraram, nas datas indicadas, certo número de artigos que podemos encontrar reunidos neste volume. Acrescentei outros, ditados pelas circunstâncias e que eu tinha publicado em diversas revistas. O livro termina com uma série de páginas inéditas.

O intuito principal desses escritos é orientar o pensamento francês para um espiritualismo científico e elevado, para uma crença capaz de colocar nossa nação à altura dos grandes deve-

res e das nobres tarefas que lhe competem. É preciso que uma ampla corrente idealista, um potente sopro moral varram as sombras, as dúvidas, as incertezas que ainda pesam sobre tantas inteligências e consciências a fim de que um raio das verdades eternas ilumine os cérebros, aqueça os corações e leve consolo àqueles que penam e sofrem.

A educação do povo deve ser completamente reformada, a fim de se comunicar a todos a noção dos deveres sociais, o sentimento das responsabilidades individuais e coletivas e, sobretudo, o conhecimento do objetivo real da vida, que é o progresso, a purificação da alma, o aumento de suas riquezas íntimas e ocultas.

É necessário, enfim, que estreita solidariedade una os vivos aos mortos e que as duas humanidades, a da terra e a do espaço, colaborem na obra comum de renovação e de progresso. Demonstramos em outro local¹ a ação dos poderes invisíveis na História, mas nunca, talvez, essa ação manifestou-se com mais grandeza do que nos acontecimentos atuais, em prol do direito e da justiça. Seria realmente muito lamentável que tão grave e solene lição se perdesse e que o homem permanecesse indiferente aos apelos e às ajudas do além. Eles devem, ao contrário, estimular, em todos, os estudos desse mundo invisível ao qual pertenceremos cedo ou tarde, já que a morte é apenas uma passagem e que nossos destinos são infinitos.

O passado da França é rico de brilhantes períodos e de páginas gloriosas; mas seu futuro se anuncia mais esplêndido ainda, se o sopro do Espírito que anima os mundos passar por sua alma; se ele regular e dirigir as forças vivas, as forças ascendentes suscitadas pela guerra e que nela vibram, ela poderá realizar obras que ultrapassarão em poder e brilho a tudo quanto seu gênio até hoje produziu.

Março de 1919

¹ Vide *O Problema do Ser e do Destino*.

O espiritismo e a guerra

Outubro de 1914

Há alguns meses, aconteceram fatos terríveis. Uma tempestade de ferro e fogo desencadeou-se sobre a Europa e os alicerces da civilização foram abalados. Não são milhares, são milhões de homens que se trombam em um choque formidável, em uma luta tal que o mundo nunca presenciara. É tão considerável o número de vidas humanas sacrificadas, que o pensamento fica estarecido. O próprio destino das nações é posto em jogo. Em certas horas trágicas, a França sentiu passar sobre ela um vento de ruína e de morte. Sem os socorros lá do alto e sem a legião inumerável dos Espíritos que acudiu de todos os pontos do espaço para apoiar seus defensores, aumentar-lhes a energia, estimular-lhes a coragem, inflamar-lhes o ardor, talvez ela houvesse sucumbido.

Em presença desse terrível drama, como em um pesadelo, perguntamo-nos que lição resulta desses fatos dolorosos.

Notemos, primeiramente, que esses acontecimentos foram anunciados com antecedência. De todas as partes, abundavam os avisos, os presságios. Nós mesmos sentíamos aproximar-se a tempestade. Um mal-estar indefinível invadia-nos as almas. Segundo as palavras de um pensador, os grandes acontecimentos que abalam o mundo projetam para frente a sua sombra.

Entretanto, a massa de humanos permanecia indiferente. Há vinte anos a França, principalmente, adormecera em um

sonho de bem-estar, de sensualidade. A maioria de seus filhos tinha apenas por objetivo a conquista da fortuna e os gozos que ela proporciona. A consciência pública, o sentimento do dever, a disciplina familiar e social, sem as quais não há um grande povo, enfraqueciam-se cada vez mais. Processos, escandalosos revelavam um estado de profunda corrupção.

O alcoolismo, a prostituição e a baixa natalidade que daí resultam pareciam destinar a nação a uma irremediável decadência. Nossos inimigos consideravam os franceses um povo acabado e preparavam-se para partilhar os seus despojos. Discussões estéreis não nos condenavam à impotência? Ora, nossa desunião era apenas vã aparência. Diante do perigo que ameaça a Pátria, todos os corações franceses sabem unir-se para um supremo esforço.

Como em todos os momentos solenes da História, como no tempo de Joana d'Arc, o mundo invisível interveio. Sob o impulso do alto, as forças profundas da raça, essas que se encontram adormecidas em cada um de nós, despertaram, entraram em ação e, em um ardor renascente, fizeram reaparecer à luz do dia as virtudes heroicas dos séculos passados.

O general Joffre é certamente um estrategista de valor, mas sabemos de fonte segura que suas melhores inspirações, sem que ele o saiba, vêm do alto.

Nossa nação, que diziam corrompida, condenada a desaparecer, mostrou ao mundo surpreso que nela dormia um poder irresistível. Sob o flagelo da provação e por uma vontade superior, a França acordou. Com ímpeto soberbo, disposta a todos os sacrifícios, ergueu-se contra um invasor sem escrúpulos, cego de orgulho, ávido para implantar no mundo seu domínio brutal e bárbaro.

Pensem o que pensarem os alemães, há justiça no universo. Não basta ter nos lábios, a todo o momento, o nome de Deus, é preferível ter no coração as suas leis imutáveis. O direito não é uma palavra vã; o poder material não é tudo neste mundo; as mentiras, a perfídia, a violação dos tratados, o incêndio das cidades, o massacre dos fracos e dos inocentes não podem achar desculpas perante a majestade divina.

Todo o mal praticado recai com suas consequências sobre

quem o produziu, o direito violado dos fracos se volta contra os poderes que o ultrajam. A invasão e a devastação da Bélgica e do norte da França provocaram a indignação geral bem como a formidável reação das forças invisíveis. Das regiões devastadas subiu ao céu um grito de angústia: o céu não permaneceu surdo a esses desesperados apelos. As forças vingadoras do além entraram em ação: são elas que elevam a França acima de si mesma e impelem seus filhos ao combate. Atrás dos que sucumbem, outros surgirão até que o invasor sinta sua resolução enfraquecer e o destino voltar-se contra ele.

Os que morreram retornam ao espaço com a auréola do dever cumprido; o seu exemplo inspirará as gerações futuras.

A lição que decorre desses terríveis acontecimentos é que o homem deve aprender a elevar os pensamentos acima dos tristes espetáculos deste mundo e a dirigir os olhos para esse além de onde virão os socorros, as forças de que ele necessita para prosseguir numa nova etapa para o fim grandioso que lhe é designado.

Nossos contemporâneos entregaram o pensamento e o coração às coisas materiais. Os fatos lhes demonstram que tudo nelas é instável e precário. As esperanças e glórias que elas suscitam são sem futuro. Nenhuma fortuna e nenhum poder terrestre está protegido das catástrofes; só tem verdadeira duração, riqueza e esplendor, o espírito imperecível. Só ele pode transformar as obras de morte em obras de vida. Para compreender, porém, essa lei profunda é necessária a escola do sofrimento. Assim como o raio de luz deve ser refratado no prisma para produzir as brilhantes cores do arco-íris, também a alma humana deve ser quebrada pela provação, para irradiar todas as energias, todas as boas qualidades que nela dormem.

É principalmente na desgraça que o homem pensa em Deus. Assim que as paixões ardentes suscitadas pelo ódio e pela vingança serenarem, quando a sociedade tiver retomado sua vida normal, começará a missão dos espíritos. Quantos lutos para consolar! Quantas feridas morais para curar! Quantas almas dilaceradas para confortar! Sob a ação lenta, profunda e eficaz da dor, inúmeros seres tornar-se-ão acessíveis às verdades de que somos depositários responsáveis. Saibamos, pois, aproveitar as

circunstâncias trágicas que atravessamos. Delas a Providência saberá fazer surgir um bem para humanidade.

Todas as almas fortes, que conservaram o sangue frio no meio da tormenta, pedirão conosco, com toda confiança, que as provações sofridas por nossa nação lhe façam vibrar na alma os sentimentos de honra, de união e de concórdia, que são poderosos meios de restabelecimento. Esses sentimentos, em sua intensidade, poderiam reagir contra os flagelos da sensualidade, do egoísmo, do personalismo desmesurado que se haviam erigido como senhores em nossa França, sufocando os instintos generosos, sempre prontos a nela reviver. Que, de mãos estendidas e de corações abertos, os franceses, raça inteligente e nobre, voltem a ser objeto de admiração, exemplo vivo que todas as nações terão prazer em seguir!

Cenas do espaço. Visões reais da guerra e da epopeia

Janeiro de 1915

Eles estão ali, planando sobre o imenso front que se estende das margens do mar brumoso até as cristas dos Vosges e as planícies da Alsácia; ali estão os Espíritos de todos aqueles que, através dos séculos e em todos os campos, principalmente na arte militar, contribuíram para ilustrar a França, para edificar sua glória imorredoura. Eles apoiam, impulsionam, inspiram nossos soldados e seus chefes.

Há quatro meses, os combatentes quase enterrados na terra, ocultos nos acidentes do solo, no meio de suas redes de arame, prosseguem em uma guerra de sapa e de astúcia, na qual a paciência se cansa e a coragem se esgota lentamente.

Outrora, a guerra tinha sua beleza trágica, sua grandeza. Lutava-se a descoberto, de cabeça erguida, com bandeiras desfraldadas. Hoje, são apenas armadilhas, maquinações, emboscadas. Por toda parte, nas obras da paz bem como nas da guerra, os germanos desnaturaram, amesquinharam, depreciaram tudo o que foi nobre. A traição, a perfídia, a falsidade são os seus princípios habituais.

Os gênios malignos, os negros espíritos de crime e de rapina, os reiters¹ e os lansquenês² da Idade Média estão com eles, reencarnados em suas fileiras, ou então invisíveis, participando

1 N. T. – Em alemão, cavaleiros. Os reiters eram cavaleiros que, na Idade Média, rodeavam a parte germânica da Europa.

2 N. T. – Mercenários de infantaria alemã, dos séculos XV ao XVII.

de seus combates. Seu triunfo seria a submissão da Europa, o esmagamento dos fracos e a espoliação dos vencidos. Seria um retorno da humanidade à barbárie.

Os Espíritos ilustres que velam pelas nossas linhas assistiram a lutas mais nobres, mais generosas. Por isso, essa tática, esses procedimentos surpreendem-nos e afligem-nos. E às vezes, vendo tantos esforços quase infrutíferos, apoderam-se deles a hesitação, a inquietação, e perguntam-se, angustiados, qual será o fim dessa terrível guerra.

Quanto sangue e quantas lágrimas! Quantos jovens heróis abatidos! Quantos despojos humanos jazem sobre a terra! Será que nossa nação irá ver aniquilar-se toda a sua força, toda a sua vida?

Eis que do alto do espaço infinito aparece um novo Espírito; ao vê-lo todos se agitam, todos se comovem. E, no entanto, é apenas uma mulher; trazendo a fronte cingida por uma auréola: animam-lhe o semblante o entusiasmo e a fé. Assim que ela surge, um frêmito perpassa por essas legiões de invisíveis; um nome voa de boca em boca: Joana d'Arc!

É a filha de Deus. A Virgem das batalhas! Ela vem despertar as energias entorpecidas, as coragens enfraquecidas. Desde o início da guerra, ela se mantinha à distância, entre suas irmãs celestes, no meio desse grupo de seres graciosos e encantadores, seres angélicos cujo comando, após o martírio, Deus lhe confiou. A sua missão consiste em consolar as dores humanas, aplacar os sofrimentos morais, pairar sobre as almas que muito sofreram.

Porém a hora chegou. Ao ouvir o relato dos males que se abatem sobre a Pátria, esta França tão cara, por quem sacrificou a vida, o coração da Virgem Lorena confrangeu-se; apossou-se dela o desejo ardente e imperioso de nos socorrer. Cedeu a ele. No momento da partida, suas irmãs, suas companheiras do espaço inclinam-se ante àquela que veneram, dizendo: “Faremos preces pelo triunfo de vossas armas, filha amada de Deus!”. Ela acode e ao seu redor acorrem os Espíritos heroicos, protetores da França, para saudá-la e servir-lhe de comitiva. Ela, na sua simplicidade, lhes diz: “Como nos séculos passados, senti a irresistível necessidade de me reunir àqueles que lutam pela salvação da Pátria. Aceitar-me-eis em vossas fileiras?” E todos,

num elã de entusiasmo, exclamam: “Colocai-vos à nossa frente, marcharemos sob vossas ordens!”.

* * *

Conselhos sucessivos se reúnem acima de nossas linhas; aqueles que os compõem são portadores de nomes ilustres, cuja reunião sintetiza toda a glória dos séculos, toda a história da França! Neles figura Henrique IV junto de Napoleão; Vercingetorix lá se encontra com os capitães de Carlos VII, os generais de Luiz XIV e os da Revolução, todos os heróis de nossas lutas de outrora e os libertadores da Pátria. Veem-se até vários chefes ingleses, pois toda inimizade cessou e há apenas em todos esses Espíritos um único pensamento e um mesmo coração.

Todos têm por Joana a maior deferência. Ninguém lhe toma a dianteira. Discutem-se gravemente os meios de ataque, os procedimentos necessários a essa guerra de trincheiras. O pensamento de Deus paira sobre essa assembleia e quando o Espírito eminente que a preside abre a sessão, invocando o Seu augusto nome, todos se inclinam respeitosamente. Se a França, em muitos lugares, se tornou cética, agnóstica, entregue a todas as correntes do materialismo e da sensualidade, ao menos no seio desse supremo conselho, onde se encontram reunidos os guias invisíveis, impera uma fé ardente. Talvez seja por isso que se atenuam, em certa medida, as provações e as duras lições que ela mereceu.

As resoluções tomadas serão transmitidas por meio da intuição e da inspiração aos generais cuja missão é de executá-las. Para tanto, cada um dos espíritos presentes a esses conselhos escolherá entre nossos chefes de exército aqueles cuja natureza psíquica mais se harmonize com a própria e, por vontade persistente, os guiará no sentido escolhido. Sua influencia sobre a massa dos soldados se exercerá de outro modo. Os Espíritos esforçar-se-ão, sobretudo, em acrescentar ao entusiasmo, à impetuosidade, que são as qualidades naturais da raça, a perseverança e a tenacidade na luta, tão necessárias no momento atual, e que por vezes nos faltaram.

Pois, como tudo isso o demonstra, as almas dos mortos não

são, como alguns o acreditam, entidades vagas e indefinidas. Quando atingem as camadas superiores da hierarquia espiritual, elas se tornam poderes irresistíveis, centros de atividades e de vida, capazes de reagir no seio da humanidade terrena. Pela sugestão magnética, elas podem inspirar os que por elas foram escolhidos, fazer neles germinar a ideia mestra e impeli-los ao ato decisivo que lhes coroará a obra. Assim, os Invisíveis se envolvem nos atos dos vivos, para a realização do bem e o cumprimento da justiça eterna.

* * *

Soará em breve, como alegre fanfarra, a hora da vitória. Toda a França está de pé; a do presente e a do passado, a França dos vivos e a dos mortos! Os poderes invisíveis, as forças divinas estão em ação, pois grande e sagrada é a luta que se trava. É a luta da liberdade, do direito e da justiça, contra a brutalidade armada, contra o despotismo cínico e grosseiro. Por isso a França não poderia ser vencida, já que a causa que representa é a da humanidade. O trinfo da Alemanha seria o recuo da consciência, a apoteose de todos os crimes. Deus não o permitirá!

Com frequência, através dos séculos, a França se fez campeã das ideias generosas: deu seu ouro e prodigalizou seu sangue na defesa dos fracos e na libertação dos oprimidos. Eis porque suas mais ruidosas derrotas foram sempre seguidas de rápida recuperação. Apesar de seus erros e falhas a França é necessária à ordem do mundo. Em todos os domínios, mais do que qualquer outra nação, ela serviu ao ideal até o sacrifício. Seu papel é estético. Graças à lucidez de sua língua e da clareza seu gênio, os princípios que ela defende penetram mais profundamente nas inteligências e nos corações e todos os povos nela vieram haurir como em uma fonte inesgotável. Seu prestígio no futuro será ainda maior: é de seu seio que sairão os missionários, cujo pensamento fará irradiar o Espiritismo por toda a terra. Poder-se-ia dizer que a França é mulher, já que ela sintetiza a beleza e a verdade. É por isso que plana acima de seus espíritos protetores uma alma feminina.

A intervenção de Joana d'Arc deu aos acontecimentos seu

sentido preciso. Ela devolverá à França a consciência de seu papel e de seus magníficos destinos. Por isso, com a aparição da Virgem Lorena os Espíritos que nos assistem sentiram aumentar sua confiança com a certeza do trinfo. Prepararam-se numerosos exércitos. Dia virá em que Joana se colocará à frente deles e, embora invisível, nossos soldados terão a sensação de sua presença, ela lhes transmitirá o ardor que a inflama. Com resolução viril, afrontando o fogo e a metralha eles marcharão contra o inimigo. E o vento que sopra nas planícies do Flandres, na floresta dos Vosges fará flutuar novamente nossos estandartes vitoriosos. Os filhos da França escreverão com seu sangue as mais gloriosas páginas de nossa história.

Capítulo | 3

As lições da guerra

Março de 1915

A luta formidável que continua entre as nações e as raças, as convulsões que agitam o mundo suscitam os mais graves problemas. Em presença do grande drama que se realiza, o pensamento, ansioso, se faz mil perguntas. Em certos momentos, a dúvida, a inquietação e o pessimismo invadem os mais fortes e resolutos espíritos.

Não passará o progresso de uma quimera? Será a civilização submersa pela maré alta das paixões brutais? Serão vãos os esforços dos séculos para realizar a justiça, a solidariedade, a paz na harmonia social? As concepções da arte e do gênio, os resultados do imenso labor de milhões de cérebros e de braços irão desaparecer na tormenta? O pensador espiritualista sonda sem vertigem esse abismo de males. Do caos dos acontecimentos ele tira a grande lei que rege todas as coisas. Antes de tudo, recorda-se de que o nosso planeta é uma morada muito inferior, o laboratório em que se esboçam as almas ainda jovens em suas aspirações confusas e paixões desordenadas.

O sentido profundo da vida lhe aparece com suas duras necessidades que a ele se prendem, é a colocação em ação das qualidades e das forças que repousam em cada ser. Para que venham à tona as energias que dormem, ignoradas e mudas, nas trevas da alma, é preciso que haja aflições, angústias e lágrimas. Não há grandeza sem sofrimento, nem grandeza sem provação.